

Velho rezingão...



Vociferava diariamente
O velho rezingão
Só ele sabia
Só ele tinha razão

Dono de terras
E fortuna pessoal
Julgava-se superior
Julgava-se mal

Pois um dia,
Dor ferina o atingiu
O peito dorido
E o coração faliu.

O velho rezingão
Entrou no Além
Onde encontrou
muito desdém!

Ajudem, ajudem
Gritava o rezingão
Os outros gargalhavam

Ao som de palavrão

Aqueles odiados

Pelo rezingão

Pediam contas

Cobrando ao tostão

Clemência, clemência

Rogava o rezingão

Fugindo espavorido

Pelo espaço, em vão!

Maldita consciência

Que me faz lembrar

Os erros cometidos

Quando julgava mandar

Cansado, destruído

Com fervor, orou

O velho rezingão

De Deus se lembrou.

Oh, milgare

Será mesmo assim?

Dois anjos luminosos

Vestidos de cetim...

Vem, amigo

Chegou a tua hora

Vais voltar à Terra

Voltar sem demora

E assim o rezingão

Voltou a reencarnar

Com mediunidade ostensiva

Cedo a despontar

Chorava, gritava

Não conseguia dormir
Chegado aos dezasseis
Via os sonhos ruir.

Filho de gente humilde
Rezingão aprendeu
Que se aprende melhor
Quando se é plebeu.

Foi médium toda a vida
Ajudando quem podia
Fê-lo tão bem
Que a morte foi alegria.

Desencarnado novamente
Rezingão já não era.
Aquela reencarnação
Fora para ele primavera

Semear e colher
É lei natural
Se queres colher o bem
Nunca semeies o mal

Poeta alegre
Psicografia recebida, em Óbidos, Portugal, em 20 de Abril de 2009